



**LUCILLE LOVE**, a notavel atriz cinematografica que acaba de sofrer um desastre em automovel, ficando com o craneo partido.

(«Cliché» cedido gentilmente pela empresa do Olympia que tem proporcionado ao publico as mais belas fitas em que figura a grande artista).

II SÉRIE—N.º 607

Lisboa, 8 de Outubro de 1917

# Ilustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑHA  
Assinatura Trimestre, 1845 ctv. — Semes- Numero avulso, 12 centavos  
tre, 2580 cent. — Ano 5380 ctv.

Numero avulso em todo o Brazil 700 réis.

Edição semanal do jornal  
— O SÉCULO —

Director—J. J. da Silva Graça  
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.ª  
Editor—José Joubert Chaves

Redacção, administração e oficinas: Rua do Secuário, 43—Lisboa

A

## Enterocolite mucosa-membranosa

e as suas complicações, curam-se por completo com a

### LACTOSYMBIOSINA

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS - T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa

## O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiromante e fisionomista da Europa

MADAME

### Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarroll's, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos



que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglez, alemão, Italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) - Lisboa. Consultas a 1500 réis, 2500 e 5000 réis.



De Repetição e de Carga Automatica

## Remington UMC

encontrão-se em exhibição nas lojas dos commerciantes progressistas em todas as partes. O nosso novo catalogo explica as vantagens d'este artigo e uma experiencia convencerá o mais desconfiado.



Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company

Woolworth Building, Nova York, E. U. A. do N.

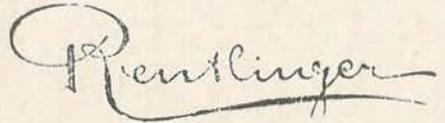


AGENTE EM PORTUGAL: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

### Fotografia

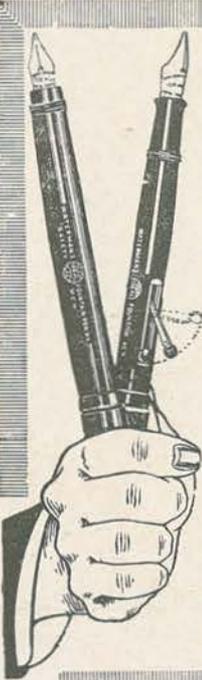
TELEFONO: Gutenberg 42-00

ASCENSOR



A MAIS ANTIGA DE PARIS — AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS



## Duas Canetas Magnificas.

Qual d'ellas tencionaes offerecer ao vosso amigo militar?

Ambas são "Waterman's Ideals" e portanto Canetas perfeitas.

A "Waterman Ideal," de alavanca e de repleção automatica, para algibeira pôde encher-se n'um momento e com qualquer tinta.

A "Waterman Ideal," typo segurança, pôde ser transportada em qualquer posição, ainda mesmo invertida.

Procure-se o nome "Waterman's Ideal." E' o signal de perfeição em Canetas Tinteiro.

## Waterman's Ideal Fountain Pen

Tres tipos: Regular, de Segurança e de Repleção Automatica para Algibeira. Podem obter-se nas Papelarias e Ouivesarias.

L. G. SLOAN, Ltd., LONDRES, INGLATERRA.

## Hemorroidal

Cura-se radicalmente com os banhos de hemalina. Infalivel em todos os casos. Caixa, 1900; pelo correio, 1800. Africa, 1500. — Silva & Neves R. da Prata, 229

M. ME SANTOS E SILVA  
Espartilhos e Cintas  
POR MEDIDA  
RUA GARRETT, 17, 2.º, E.  
— Telefone 4:294 —

## Casamentos e Atracção do bem

INSTITUTO  
Electro-Magnetico

### M. elle ROLAND

Vê claramente o PASSADO, PRESENTE E FUTURO e só trabalha na sua e peculiaridade, de CASAMENTOS E AMORES MAL CORRESPONDIDOS.

NÃO BECEBE QUALQUER OUTRO TRABALHO. TODOS OS DIAS (incluindo domingos) das 11 ás 22 horas.

GRANDE variedade em Pós e Perfumes de atrair e em Pedras de atracção, proprias para adereços.

Todos estes preparados, são scientificamente analisados por operador diplomado pelo Instituto Internacional de Psicologia e tem a força de atrair a estima e o bem e de afastar o mal.

Avenida Almirante Reis, 119, 1.º  
(Frente)

### Apenas 1\$500

E' QUANTO CUSTAM 3 provas do interessante retrato animado. A ultima novidade em fotografia.

Praça dos Restauradores, 53

### Compra e venda de predios, quintas e mo-

radias Dinheiro sobre hipotecas rusticas e urbanas, em Lisboa ou provincia, a juro desde 6%, ao ano, emprestimos sobre letras com flader estabelecido. — Rapidex ou seriedade. A. GOMES DA SILVA --- Rua Augusta, 229, 2.º

# Vida do Mar



Uma scena da vida do mar.

**R**ASGA-SE formoso o amanhecer do dia! Para as bandas da serra umas nuvens avermelhadas, sanguíneas, começam a emboitar de luz o céu, a serra e o mar.

E o mar rugue furioso!

Na praia, a dois passos de agua, alteia-se a silhueta possante, airosamente conformada, d'um velho pescador.

Perscruta o Oceano. Sobre o revolver indomavel das ondas espraia o fluido do seu olhar vivo, inteligente, faiscante de coragem...

Fita depois, demoradamente, um ponto d'aquelas aguas, no dorso d'uma vaga além, tocada já pela carícia branda d'um primeiro raio de sol.

E deixa-se ficar, namorando-as como se fôsem folhas d'um romance, paginas d'uma biblia ou evangelho d'um povo, que se precise consultar para decidir-se a realização d'algum facto.

... Agora essa estatua impassivel do velho pescador desmancha-se n'um movimento brusco.

Recua uns passos, desnastra uma da outra as mãos dadas, pendidas sobre o quadril e, com uma d'elas, tira da cabeça o seu *barrete catalão*.

Ergue-o no ar, olha para terra, e assim se conserva alguns instantes...

Que indecifrável enigma para a oprimida curiosidade d'um *mirone*!

E, no entanto, a muda expressão d'aquelle gesto é logo compreendida em toda a beira-mar.

A *companha* tem assim percebido o seu sinal de mobilização, o sinal de *ir ao mar*.

A criança, o rapaz, o adulto e o velho teem de se *manear*.

E o mar é *puxado*! Não amansa nem amansará tão cedo. A maré não favorece o *bota abaixo*, é certo, mas parece *ter feitiço*, isto é, promete dar sardinha.

A antevisão d'essa promessa fascina o pescador; a coragem e a valentia soerguem-se no animo de toda a *companha*, que destemidamente, mais uma vez, á voz do seu arrais, vae vencer as ondas, na ancia sacrosanta de ganhar o pão de cada dia.

\*  
\* \*

Já *aparelhado* o barco, isto é, carregado de cordeame e redes, forma-se-lhe a *carreira* ou plano inclinado de deslize, feita de róis de pinheiro. Sobre estes, depois do sinal de *barco ao mar*, vai escorregando a embarcação, impelida por parte da *companha* que, antes de saltar para bordo, procede a esse trabalho, auxiliada por algumas juntas de bois.

O barco entra na agua e sofre o embate das primeiras vagas. Desatreia-se o gado, e os homens, aprestados aos remos enormes, pesadissimos, começam a sua extenuante faina de remar.

E' um dos momentos mais perigosos que a viagem oferece.

Uma onda alterosa, arqueando-se em foice vem



A' beira mar. Divertimento para uns, trabalho para outros.



Preparando a carreira d'um barco

*empastar-se* na prôa do barco. O peso d'este cava n'ela um abismo; a vaga fendida, como revolucionada sob esta pressão, espadana e raivecida!

Um cachão de espuma fustiga e sufoca toda a tripulação, subverte o casco! N'um segundo, no seio da onda, vê-se engolfado, escondido a nossos olhos todo o baixel!...

Segue-se o espriado da vaga, e de novo no arfar raivoso das aguas, afloira arrogante e impávido o nosso barco!

Outra e mais outra onda se sucedem, abrindo-se o mesmo abismo. N'ele, a embarcação ora se precipita, ora se alteia, até que, depois de passada a *pancada do mar*, a viagem se torna mais livre de perigo... se não aparecer o submarino.

No momento da partida o *calador* de pé, sobre o castelo de redes e cordeame, começa deitando ao mar a *corda*, cuja extremidade, o *ressoeiro*, fica presa a uma estaca, enterrada na areia.

Depois de lançadas 100, 120 ou 150 cordas, gastando-se n'esse lançamento 1 ou 2 horas, chega o instante de *calar* ou chegar a *calamento*, isto é, deitar a rede ao mar.

Em outros tempos a tripulação ergue-se, tira seus *suêstes* ou barretes, n'um gesto comovente de fé, n'um atavismo de superstição, admiravel na sua ruidez de homens simples, tementes a Deus.

As mãos levantam-se ao ceu, unidas como n'uma prece, e os labios n'um fio de voz, entrecortado pelo marulho das ondas, soluçam uma oração, exteriorizando uma bênção e um desejo: a bênção d'aquelas aguas e o desejo da Providencia permitir á *compa nha* farta colheita de peixe.

Está lançada a rede. Rema-se em direção á costa, deitando-se ao mar a restante corda.

\*  
\* \* \*



No mar trabalha a creança, o rapaz, o homem e o velho.

A *arribada* é dos espêtaculos mais impressionantes da vida do mar. Se o barco traz uma linda esteira de andamento e se a corrente junto á praia favorece esse andamento, o barco vem *varar terra* com extrema facilidade. Outras vezes o perigo de

*varar* é de *meter respeito*, como dizem os pescadores.

Na *arribada* para conseguir tirar o barco do mar, empregam-se algumas juntas de bois, presas pelas *bossas* ás *fêmeas* ou engates de ferro, salientes no costado do barco, e assim o vão arrastando pela praia acima até certa distancia da agua.

Para puxar as cordas da rede dispendem os bois bastante esforço. N'outros tempos era este serviço feito unicamente pelos pescadores.

A corda é enrolada, limpa da areia e contada á



Enrolando a corda d'um barco

proporção que cada junta de bois chega a determinado sítio.

Passadas duas ou tres horas a *puxar a rede*, e avistadas á superficie da agua as *paudas mestras*, rectangulo de cortiça que presos nas mangas da rede a fazem flutuar, dá-se o sinal de *rede á mão*.

O gado abandona o seu passo vagaroso, e o aguilhão dos moços obriga-o a uma tarefa esfalfante de tração.



Na Costa Nova do Prado. — Condução da sardinha para Aveiro.

A rêde torna-se pesadissima, pois já grande parte d'ela é arrastada sobre a areia. Cada vez esse peso se faz mais sentir, e os animais teem de redobrar de esforço.

Já então quasi todo o pessoal da *companha* se emprega no *arrasto* da rede.

O espetaculo é empolgante, curioso de admirar-se!

Quando a quando, ha uma paragem forçada no *puxar*, porque falece a força aos animaes e aos homens.

Então estes estimulam, com seus gritos e frases, a já cançada energia do gado:

E'che!... éche!... éche!...  
O' vai!... O' riba!...  
E'che!... éche!... éche!...

E, ao vozear d' esta série especial de interjeições, os animaes reanimam-se por momento, e arrastam mais umas braçadas de rede...

De novo, exaustos de fadiga, quedam-se n'um curto descanso, logo novamente findo pelo gritar quente e energico de toda a *companha*, de mãos segurando a rede, a um tempo, sob o ritmo da mesma cadencia:

E'che!... éche!... éche!...

Não tarda o *saco á borda* porque já vem perto de terra o ultimo *calimo*.

Ouve-se dizer que o *lanço e de lei*; o *saco* vem atafalhado de peixe.

As gaiotas preoflatam a abundancia da sardinha; sulcam a linha da praia em vôos curtos, constantes.

Chega o *saco* a terra. Abrem-se as costuras que o fecham. Enchem-se os *enxalvares*, formando-se sobre a areia varios montes de peixe. Duzias de *canastreis* são colocados nos carros de bois. As *pescadeiras* esperam a vez de encher as suas *canastras*.  
Segue-

se o leilão e venda do peixe, e em seguida os *mercanteis* da cidade de Aveiro fazem-no seguir para diversas di:ções, conforme o destino que é preciso dar-lhes.

O movimento na praia é digno de cinematografarse. Constitue um elemento de estudo e educação a substituir *films* de scenas criminosas e repetentes.

A falacia é ensurdecadora; é um grito, uma canção a que se liga o retenir especial do saltitar da sardinha, aos montes, vivinha, luzente, n'uma ancia de vida que vai a extinguir-se.

Agora a luz suave do pôr do sol avermelha as nuvens na linha do horizonte.

Almas amorosas e sonhadoras deixam seu *home*, á beira da estrada da sorridente Costa Nova do Prado, e vão olhar o Oceano para n'um doce *flirt*,

a sós com ele, poetisar maguas, atagar esperanças. Também, de novo, a'ém, o nosso velho pescador só, de pé na humedecida areia estende a vista pelo Oceano.

Vê e ouve o mar!

D'ele tira lição e ensinamento para se aviventar no trabalho de cada dia e reconfortar na lembrança d'alguma ilusão com que outr'ora a vida se lhe doirou!

Vê e ouve o mar!

O seu olhar pausa ali, como nas paginas d'um romance ou d'uma biblia!



Os bois tirando um barco do mar

Que é que o atrae assim?!

Um vago enleio de sonho, certamente, porque ao mar toda a sua vida se lhe prende, como o coração se nos prende a uma ultima carta de amor, olhada sempre com enlevo e aféto quando uma e outra vez lhe releemos as suas palavras que o tempo perfumou de ilusão e de saudade.

Clichés do autor.

Antonio Maria Lopes.

## Portuguezes em campanha na Africa



Sr. Jorge de Sousa Gorgulho, alteres aviador, morto na Africa Oriental.

Embora, com muito menos extensão, não se combate em Africa com menos ardor do que em França. Os portuguezes continuam a defender dia e noite os seus dominios coloniaes, de tantos modos ameaçados. Vêm-se a braços com os ale-

por eles. E' uma luta sem tréguas e que nos está custando tambem muitas vidas e dinheiro. E ai de nós, se depois de tantos sacrificios e do nosso triunfo pelas armas, ainda ficamos sem o patrimonio que ainda nos faz grandes e que não nos



João Simões, segundo sargento *chauffeur*, morto em Africa.



Segundos sargentos de cavalaria Sidraes e Sodrê Teles.

mães, que nos invadem as fronteiras, e com os rebeldes que se levanta m instigados



José Mendes de Lemos, segundo sargento d'um grupo de metralhadoras.



Laurentino Afonso Fernandes, segundo sargento de cavalaria.



Raul dos Santos Barroso e Francisco Rodrigues Junior, *chauffeurs* militares.



Joaquim Soares, soldado de infantaria.

está custando menos a manter do que nos custou a conquistar.



Grupo de sargentos de infantaria. — Da esquerda para a direita, sentados: Gomes, Duarte e Barbieri. De pé: Abreu, Sapatinha, Pinheiro e Brasão.



Sr. João Pereira Gonçalves, alferes de infantaria, em tratamento d'intoxicação.

Vão-se tornando raros os dias em que não aparecem publicados quadros de honra com os nomes dos portugueses que estão caindo gloriosamente pela patria nos campos de batalha. Todos eles não arredam uma linha que seja do seu posto, em face da morte. Sa-

bem lutar e sabem morrer, o que não é pequena compensação moral para aqueles que a sua perda cobriu de luto.

Entre tantas dezenas de milhares de portugueses aponta-se apenas o caso de um que renegou a sua patria e as gloriosas tradições do nosso exercito. Esse mesmo, porém, ainda não está rigorosamente conhecido em todas as suas circunstancias e teve por protagonista o creado de uma familia alemã, com a qual ha anos se vinha confundindo. Às maldições, que de todas as partes sobre ele caíram, constituem a mais eloquente garantia do intenso amor patrio que vibra no peito de todos os nossos soldados.

A hediondez



Grupo de officiaes d'um regimento de infantaria. No chão o alferes sr. Andrade. Sentados, da esquerda para a direita: os alferes srs. Matos Cordeiro, Raposo, Agular, Pissarra e Dentinho.



1. Sr. dr. Julio Leiria Pinto, medico miliciano, filho do sr. Alfredo Moraes Pinto (Pan-tarantula). — 2 Major sr. Horacio de Moraes Ferreira. — 3. Sr. dr. Antonio Luazes, filho da distinta professora sr. D. Amalia Luazes.

d'um caso d'estes, tanto mais frisante quanto ele é isolado, ainda mais afervora ás vezes a verdadeira fé e lealdade dos que expõem o peito ás balas inimigas.



Alferes d'um regimento d'infantaria. — Da esquerda para a direita: Srs. Rafael Gomes, Alberto Pereira da Costa e Callixto Joaquim Guimarães.



Outro grupo de alferes d'um batalhão d'infantaria. — Da esquerda para a direita: Srs. Casimiro da Gloria Gonçalves, Alfredo Augusto Alves e Alípio.



Um grupo de sargentos de infantaria 55

2. Antonio da Maia Mendonça, primeiro sargento de infantaria.—3. Artur Martins, segundo sargento de cavalaria.



Henrique Ferreira Simões, segundo sargento d'um grupo de metralhadoras.



Celestino Batista, soldado de infantaria.



Sargentos instrutores da escola de granadeiros. Da esquerda para direita: Frederico Augusto Mendonça, Angelo Adriano Pereira e José Pinto Monteiro.



Fernando Augusto de Sousa, segundo sargento de infantaria.



José Vicente, soldado de infantaria.



Alfredo da Conceição Rodrigues, primeiro sargento de infantaria.



Sargentos e cabos que fazem parte do pessoal d'um hospital cirurgico portuguez nas linhas de batalha. Da esquerda para a direita, sentados: primeiro cabo Antonio Lopes Duarte, segundo sargento Cristavam J. Freire, primeiros cabos Mario José Brasuna e José d'Oliveira. De pé: Segundos sargentos João Nunes Sequeira, Alfredo d'Almeida, Mario José dos Santos, Carlos Vieira, J. Valongo, Raul Otavio Pascoal e Aurelio Mendonça Tolentino. — 9. A. L. Silva Junior, segundo sargento do batalhão de S. de C. P.



Soldados de infantaria naturaes do concelho de Gouveia. Da esquadra para a direita: Manuel Lourenço Canhoto, Manoel Maroné, Manoel Jeronimo, Antonio Pereira e José Neutel Casal.



José e Manuel Marques, soldados de infantaria



O primeiro cabo de infantaria Edmundo da Costa Couto e o soldado Alexandre Gomes Vieira.



Soldados da companhia de substancias, Francisco Pereira e Antonio Cabral.



José dos Santos Ronda, primeiro cabo de infantaria, com uma dama franceza, sua madrinha de guerra.



O primeiro cabo de infantaria Antonio Mourato Peliquito e o seu contreraneo, soldado telegrafista.



Em serviço n'um hospital das linhas de batalha. Um soldado inglez, tendo á direita o primeiro cabo enfermeiro Antonio d'Abreu Couceiro e á esquerda Courveller Marceneiro, também primeiro cabo enfermeiro.



Grupo de primeiros cabos do batalhão de sapadores dos caminhos de ferro. De pé, á direita, o sr. Silvano Augusto Costa.

# UMA GRANDE CAÇADA



Os caçadores—Da esquerda para a direita: srs. Lopes e Harry Hinton, Sir Lancelot Carnegie e sr. W. H. Frazer. Sentados, os batedores, estando na frente do chefe da batida o sr. Chamberlin!



O acampamento perto da fronteira

Parece que este ano temos abundancia em caça. Quasi todas as partidas venatorias, que se teem organizado, decorreram animadissimas e com belo exito. Entre as mais interessantes regista-se uma que se realizou na fronteira, e na qual tomaram parte os srs. ministro da Inglaterra sir Carnegie e o importante proprietario e industrial sr. Hinton, dois notaveis amadores d'estas diversões e excelentes atiradores.

Durou essa caçada 4 dias, no principio do mez passado, e d'ela publicamos dois aspectos. Não lhe faltaram as peripecias interessantes, as surpresas, as decepções, os alvoroços, tão particulares ás caçadas e que constituem o melhor dos seus atrativos. Sob o chumbo certo e mortifero dos caçadores, caíram 120 perdizes, 6 lebres e 24 rolas, somando um total de 150 peças, o que é realmente brilhante e invejavel despojo de uma caçada.

Todos os caçadores e batedores retiraram-se, e com razão, satisfeitissimos.

# A GUERRA



A Mascote d'uma bataria franceza de 400

**Mascotes.** — Não ha hoje na guerra regimento, batalhão ou companhia, que não tenha a sua *mascote*, e todos, desde o mais graduado oficial ao soldado mais modesto, teem por ela um carinho, um culto, como se, realmente, d'ela dependesse a sua fortuna, a sua sorte.

Não ha animal domesticavel, de que se não

faça uma *mascote*; mas o que sobreleva ainda a todos é o cão, que se afaz intrepidamente ao troar da artilharia, que não fraqueja n'uma marcha, mesmo penosa, que, debaixo de fogo, corre ancioso para o que ainda ha pouco o acariciava meigamente e agora acaba de cair, varado pela metralha inimiga.



Um corvo, mascote d'um soldado francez



Um grupo de soldados francezes e a sua mascote



**A legião estrangeira.** — O seu nome ha de passar á posteridade envolto em lendas cavalheirescas, em tradições de bravura sobre-humana, como não passou o nome de nenhuma outra talvez, desde a *Legião fulminante* que salvou o exercito de Marco Aurelio até á legião estrangeira, organizada no começo da conquista da Algeria, em 1831, pela França. E tem sido a França, com a poderosissima atração do seu caracter expansivo, do seu grande espirito hospitaleiro, dos seus nobres ideaes de progresso e da civilisação, que consegue congregar mais estrangeiros para combaterem ao seu lado com inaudito estoicismo.

Vejam a legião estrangeira que surgiu im-

ponente sobre o seu solo e chegou a ter um efetivo de quarenta mil homens. De como eles afrontam a morte nem se acreditam as narrativas. Parece o que ha de mais lendario; e não o é; porque, tão depressa a legião conta quarenta mil, como quatro mil, e, reduzida a uma pequena fração, não tarda a resurgir no seu magestoso efetivo! Por um lado é a metralha a dizimal-a brutal e pavorosamente; por outro é o santo amor da grande causa humana, a paixão ardente pela França, como que a fazer resurgir os mortos e a reintregal-os na legião; tantos são os que de todas as partes estão sempre prontos a substituir os que caem beijando o seu querido solo.



1. Desfile da legião estrangeira

2. Posto francez de socorros na linha de combate



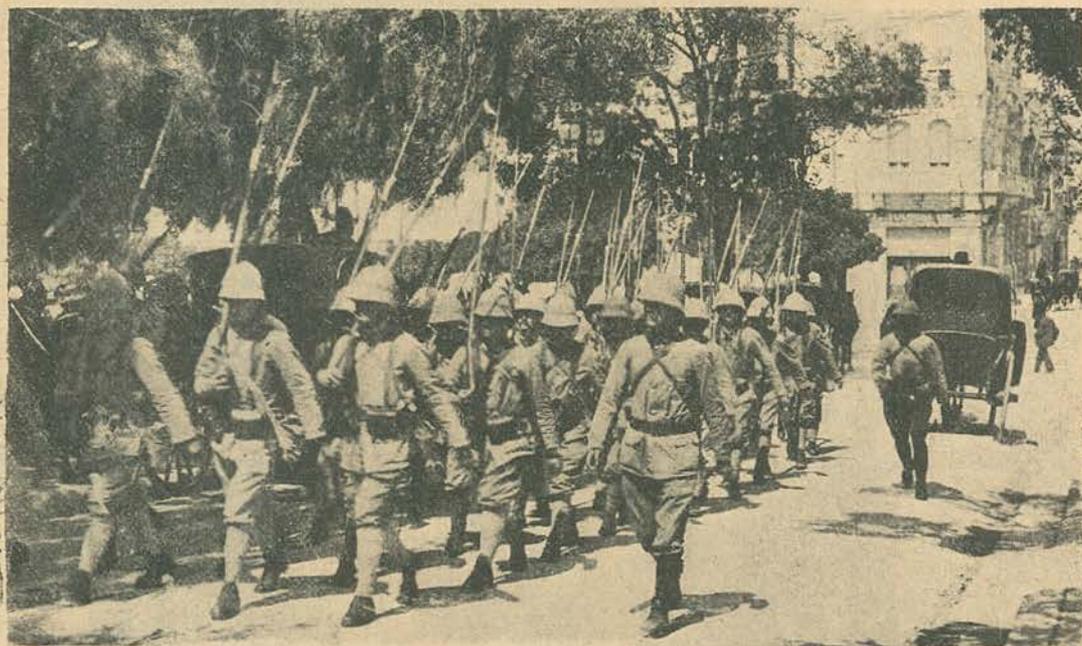
Uma grande leva de prisioneiros alemães feitos pelos franceses depois de um violento combate em Tracy le Val



Um acampamento da cavalaria americana em França.

**Americanos em França.**—Os serviços administrativos e outros do exercito americano que se estão organizando em França para receber os grandes contingentes que dos Estados-Unidos não tardam a vir para a linha de bata-

lha estão muito adiantados, quasi prontos. A França tem timbrado por todos os meios em facilitar aos novos e poderosos aliados todos os meios de conseguir a conclusão rapida d'esses serviços.



Soldados francezes desembarcados em Atenas para guardarem a legação do seu paiz

**Os francezes em Atenas.**—Sem duvida que o papel da França, na atual guerra, tem sido sempre digno de elogio, quer se trate das operações que ha 3 anos estão assolando o seu belo e rico territorio, quer da sua intervenção

nas varias ramificações que tem tido o litigio. Na questão da Grecia a sua intervenção militar tem sido tão habil e eficaz como a diplomatica, exercendo-se sempre de harmonia com os aliados e sem provocar o menor atrito.



#### UMA PAGINA TRAGICA DOS ACONTECIMENTOS DE PETROGRADO

A fotografia, de um movimento admiravel, que n'esta pagina reproduzimos da *Illustration*, foi tirada, com tanto arrojo como pericia, por um francez que se encontrava em Petrogrado, ao angulo da rua Sadovaia, varrida pela artilharia no sentido do seu eixo. Das inumeras pessoas que por ela passavam n'essa occasião, muitas refugiaram-se contra os predios, outras deitaram-se por terra, passando-lhes as ba-

las a sibilar por cima. Mas a maior parte das que se vêem no chão foram derrubadas por estas, e a um bom numero das que se coseram com ele, nem mesmo assim o poupou a metralha.

Entre os que fogem vê-se uma mulher (+) com uma creança muito apertada ao peito para a proteger das balas,

# Festa da flôr em Reguengos



Uma «vendeuse»



A menina Josefa Tavares vendendo uma flôr a seu irmão, o sr. Joaquim Tavares



Outra «vendeuse»

Guiadas pelo intenso patriotismo e desejando mostrar tambem o interesse que lhes merece a sorte dos soldados que, bem longe da Patria, estão derramando o seu sangue por uma das causas mais nobres—a da integridade nacional—levaram a efeito senhoras das mais d'istintas familias de Reguengos a festa da flôr, que pelo brilhantismo com que se efetuou e pelos excelentes resultados

obtidos, foi uma das melhores que se teem realizado.

Devem, pois, as gentilissimas senhoras d'aquela importante vila do Alemtejo, que tomaram parte n'esta festa altamente patriótica e humanitaria, e em especial a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Rojão, a quem se deve o seu lusimento, ter recebido agradabilissimas impressões que d'alguma fórma as compensam da sua dedicação.



Grupo de senhoras que gentilmente tomaram parte na «Venda da Flôr», em Reguengos

(«Clichés» do distinto fotografo sr. Viriato Campos).

# Os portugueses em S. Paulo



1. O corpo cénico do Centro Republicano Portuguez, de S. Paulo.—2. A diretoria do Centro Republicano Portuguez, de S. Paulo. Da esquerda para a direita, sentados: Os srs. A. M. Reis Junior, Antonio de Carvalho Pimentel, José Ferrelra Granada, (presidente do centro), Abel Cabral e José Soares de Almeida. De pé: Os srs. José Lucas Borges, Antonio G. Araujo Franqueira, Antonio M. Bastos, C. Freitas, J. Costa e F. Antunes.

E' longe do solo que lhes toi berço que nos nossos compatriotas mais se acentua o espirito associativo, o que se justifica pelo grande numero de coletividades fundadas, no estrangeiro, pelas colonias portuguezes e onde elas vão encontrar lenitivo para a nostalgia que sentem pela Patria que lhes foi tão ingrata, forçando-as a procurar, bem distante, os meios indispensaveis

para a sua subsistencia, mas que continuam a amar com devotamento e dedicacão.

Entre as instituicões, que melhor se teem compenetrado do fim patriotico para que se crearam, está o Centro Republicano Portuguez, de S. Paulo, esplendidamente instalado n'um magnifico predio de uma das principaes arterias d'aquela importante cidade brasileira.



Os socios do Centro Republicano Portuguez, de S. Paulo, e pessoas de suas familias que assistiram ao festival do 9.º aniversario d'aquela coletividade.

# Concurso hipico nas Caldas da Rainha

Tambem nas Caldas da Rainha se efetuou no mez passado, por iniciativa d'um grupo de apaixonados *sportmen*, um concurso hipico, que foi admiravelmente acolhido pela numerosa colonia d'aquela importante estancia balnear.

Realisaram-se varias provas que decorreram com agrado. Uma das mais dificeis do concurso, intitulada «Premio das



Um aspêto da assistencia seguindo com interesse uma das provas

tiveram occasião de mostrar o seu valor.

Houve tambem



O sr. Anselmo Vilardebó no *Rolta*, vencedor do 3.º premio do Percurso de Caça

Caldas», com alguns obstaculos *duros*, foi disputada por distintos officaes de cavalaria, tendo obtido o Grande Premio o sr. Jara de Carvalho, tambem vencedor da «Taça de Honra», que fez o percurso limpo, tendo todos os restantes feito igualmente saltos magnificos que entusiasmaram a selêta assistencia, que muito festejou os cavaleiros, que



O sr. Borges de Almeida no *Geant*, vencedor do 2.º premio do Percurso de Caça e 2.º da Taça de Honra

O sr. Carlos Abrantes e o *Titanic*, que montava, no Percurso de Caça

provas para amazonas, seguidas com manifesto interesse, e para soldados,



5—O sr. Jara de Carvalho, vencedor do Grande Premio das Caldas e da Taça de Honra.  
6—Outro aspêto da assistencia («Clichés» do distinto amator portuense sr. José Guimarães Junior).



que despertaram tambem igual interesse. O concurso realisou-se na esplanada da mata que apresentava um lindissimo aspêto, tendo em todos os dias uma grande concorrencia e sendo o ponto de reunião da sociedade elegante.

# NO BUSSACO



O Hotel Bussaco e o panorama da Serra

O Bussaco é a nossa privilegiada estância de verão: arvores seculares, sombras espessas e refrigerantes, agua finissima e quasi nevada, pontos de vista soberbos, por onde os olhares se alongam anciosos de trespassar esse sendal tenuissimo de azul e purpura, que desce docemente sobre o campo e a serrania, interceptando-lhes o desdobramento indefinido d'esses pa-



No terraço do hotel

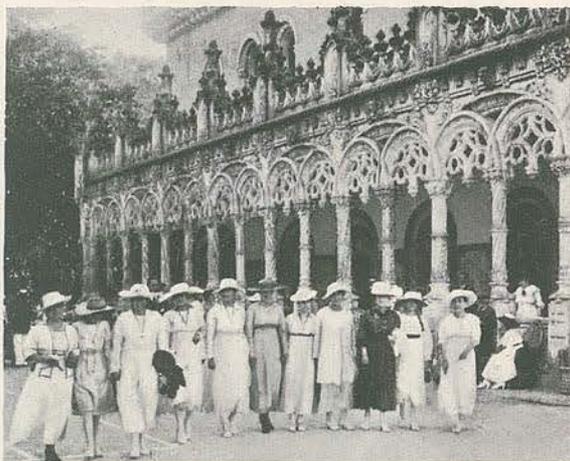
noramas arrebatadores. Quem quer repousar, quem quer refazer-se e sentir o que é a verdadeira vida n'uma altitude superior a todas as impertinencias, a todas as insalubridades e fastios dos centros populosos sob a canicula que se meteu por setembro e outubro dentro, refugie-se no Bussaco, embrenhe-se na mata

e fique para ali completamente esquecido.



Tomando o «chá das cinco»

Um d'estes dias, em que o sol esbrazeava o paiz de norte a sul, sem conseguir atravessar aquelas valentes abobadas de verdura, com os seus raios candentes, á quietação scismadora do Bussaco succedeu de repente uma agitação febril. Não se explicava de onde surgia, de um momento para o outro, tanto homem, tanta senhora formosa, tanta menina gentil,

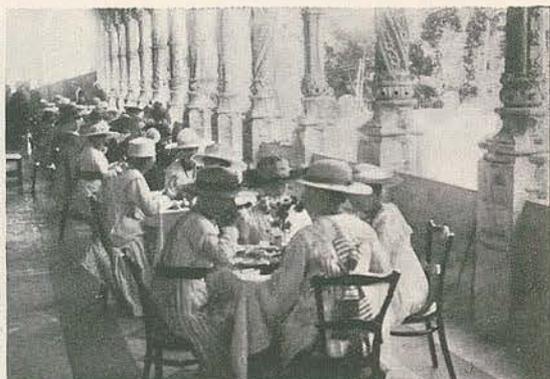


Grupo de gentis convidadas

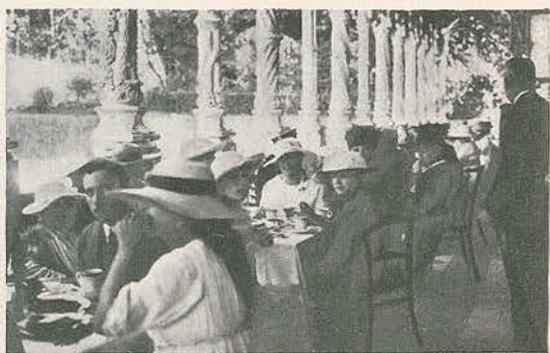
tinto na aristocracia, na politica, sem distincões, nas finanças, etc., tanto de Lisboa como do Porto, se reunia ali n'uma convivencia franca e expansiva, em numero superior a quatrocentas pessoas, sendo a maioria de senhoras. Só por um condão especial se podia conseguir reunir tantas e tão variadas personalidades das nossas primeiras classes sociaes, n'um chá das cinco,



A' varanda do terraço



Tomando o chá das cinco



Outro aspéto do «chá das cinco».

Parecia que, por encanto, aquelas verdes espessuras se desentranhavam, como os velhos bosques da mitologia, em bandos alacres de creaturas lindas e graciosas que convergiam n'um bulicio inebriante de felicidade e de alegria para os salões do «Palace Hotel Bussaco». Tudo o que se encontrava no Bussaco e no Luzo de mais dis-

não tendo certamente até hoje havido entre nós outro tão brilhante e de tão gratas recordações.

Esse condão teve-o a Companhia de Moagens «Invicta», do Porto, que improvisou a linda festa, fez os convites e com o chá ofereceu de uma maneira raramente gentil as suas deliciosas e inegalaveis bolachas.

# Um novo Hospital



Vista lateral do edificio

Povoa de Lanhoso, importante vila minhoto, acaba de ser dotada de um melhoramento que muito interessa ás classes pobres. Foi a construção de um belo e artistico hospital que reúne todas as condições higienicas modernas e está servido de todos os aparelhos e utensilios que a ciencia tem inventado para as mais dificeis operações cirurgicas.

A' sua inauguração, que se realisou no mez passa-

do, assistiram todas as autoridades civis e deputados da região, agradecendo a camara municipal ao seu illustre conterraneo e grande benemerito o sr. Antonio Ferreira Lopes a construção d'essa monumental obra, que é, sem contestação, um dos melhores hospitaes de terras da provincia.

O dia da inauguração foi de festa na linda vila, que se enganalou e foi alegrada com bandas musicaes. O



Sr. Antonio Ferreira Lopes, fundador do hospital e que o está custeando.



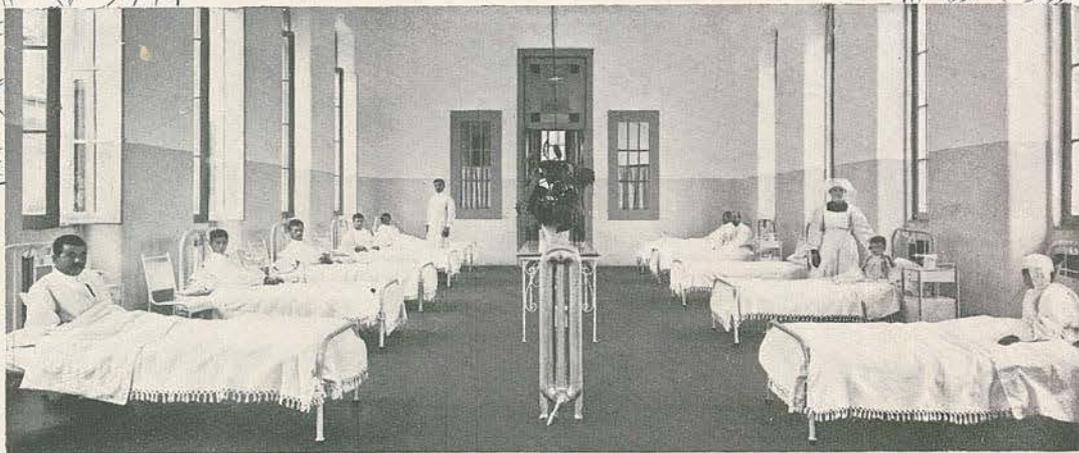
Sr. João Bastos, sobrinho do sr. Lopes, administrador do hospital.



Capela e necrotorio



Um aspêto do atrio com azulejos de Jorge Colaço



Enfermaria de homens

povo associou-se a essa festa, indo prestar homenagem de respeito e gratidão ao seu bemfeitor. não só pelo hospital que para ele foi construído, mas pelas muitas obras que em proveito das classes pobres tem realizado na vila o insigne cidadão.

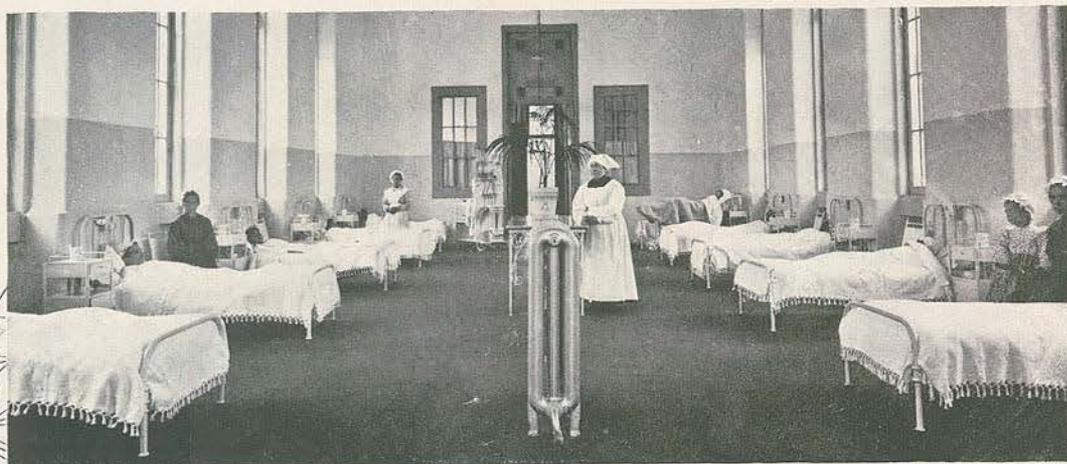


1. Outro aspeto do atrio com azulejos de Jorge Colaço, sobre costumes regionaes



2. Escadaria interior central

A camara, em nome do povo do concelho, mandou colocar no salão nobre do hospital uma lapide de reconhecimento e resolveu erigir ao seu doador um monumento em uma das praças da vila.



Enfermaria de mulheres

SUPLEMENTO  
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de: J. DA SILVA GRACA, Lmt.ª

DirMar: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

## Em fim, só!



Como vai cheio de esp'ranças,  
Que se divirta por lá,  
E dê beijos ás crianças...  
Que a França manda p'ra cá...

## PALESTRA AMENA

## A lingua portugueza

Que os portuguezes são pessoas de lingua ruim, já um classico dizia em amenissima prosa, como que desmentindo aquela afirmativa, mas na verdade com carriadade de razão, referindo-se aos que teem, não linguagem má, mas lingua venenosa, pronta a dizer mal de tudo e por tudo.

Vem tal corroboração a proposito da passagem do signatario d'és as desataviadas palestras pela estação dos caminhos de ferro no Entroncamento, onde em data de 26 do mez ultimo teve de demorar-se durante hora e meia, á espera que o comboio para o norte seguisse, e ondê almoçou á mesa redonda, com umas quarenta pessoas, entre elas dois inglezes e uma ingleza, seus vizinhos mais proximos, do lado direito. Tudo o mais, portuguez, na maior parte lisboetas.

Primeiro prato: guisado de vaca e batatas, em abundancia, agradavelmente condimentado; pãesinhos á vontade, de delicioso trigo, tres ou quatro, para cada comensal. Vinho á descripção. Os inglezes raparam conscientemente os pratos, o mesmo fez o J. Neutral e o mesmo fizeram os restantes parceiros, comentando de garfada em garfada:

—Esta carne não se póde rilhar! que porcaria de batatas!

Seguiram-se bifés com batatas fritas. Iguais comentarios da maioria, o mesmo appetite silencioso dos inglezes e de J. Neutral. Depois, ovos preparados á vontade do freguez:

—Estão chocos!

—Não teem sal!

—Ninguém os póde tragar!

Chegou-se á fruta: peras e uvas, tambem em abundancia; queijo... E a má lingua a desdenhar.

—Estas peras estão verdes!

—Isto são uvas que se engeitaram por não servirem para vinho!

Para o criado:

—Traga outra fruta.

—Não ha.

—Parece incrível que não haja morangos!

—E gelados?

Por fim, chá para uns, café para outros; J. Neutral saboreou o café, que achou excelente, os inglezes tomaram chá, sem indício aparente de desgosto.

Os outros portuguezinhos:

—Isto não é chá, é infusão de carama!

—Isto, café? é carvão!

Em roda, de bandeja, os criados receberam o dinheiro: 8 tostões por cabeça, menos do que se paga por um almoço em qualquer restaurante de Lisboa, onde não aparece vaca ha um mez, onde o pão se paga extraordinariamente, assim como o café, o chá, etc.

A maioria:

—Oito tostões? é um roubo!

—Vão roubar para a estrada!

Os inglezes, acendendo os charutos e recolhendo ao comboio:

—Oh! Yes! Bela almoço!

J. Neutral conhece, de Lisboa, dois dos comensais que assim ruidosa e indelicadamente se mostraram tão difficeis de contentar em tempo de guerra, quando nos melhores hoteis da Europa beligerante em jantares de gala não se servem mais de tres pratos, onde o pão é de palha e os preços excedem tres e quatro vezes os modestos oitenta centavos do Entroncamento: esses dois sujeitos—os que pediram morangos em setembro—são empregados n'um escritorio, ganham um escudo diario e em casa comem carapau de gato.

Ora os pelintras!

J. Neutral.

## Estado-agudo

Agravou-se infelizmente, o estado de maturismo do sr. dr. Amilcar de Sousa; entrou demasiadamente pelo melão e o resultado foi este subir-lhe á cabeça, de modo que ai o temos a acreditar em bruxas e em outras coisas por igual maravilhosas.

Descreve Amilcar: «E' uma menina musculosa mas franzina, de claros olhos azues, cuja iris se retrae e alarga até á esclerótica, na mais pequena fixidez». E' o que vulgarmente se chama uma boa pécega.

Depois passa á experiencia que fez na menina, logo que ela acabou de retrair e alargar a iris:

«A sonambula dormia serenamente, respirando, como morta, olhos cerrados e o coração mal se precebendo. Entretanto escrevia».

Aqui é que a perturbação mental de



Amilcar é mais inquietadora: é lá possível, por mais bruxa que uma pessoa seja, que respire como morta? «Entretanto escrevia» acrescenta Amilcar, como aquele que dizia que era meia noite e entretanto chovia. Mas como havia ela de escrever se não sabe ler, porque lá diz Amilcar que «infelizmente não sabe ler a sonambula Alice que nasceu nas Caldas da Rainha?»

Note-se ainda que este pormenor sobre o logar do nascimento de Alice é tambem sintoma inquietador.

Não: enquanto nos quiz impingir bananas suportámo-lo benevolmente; agora a querer impingir-nos como banana de cheiro a menina Alice a respirar como morta e a pôr os olhos em alvo, só porque «quando era novita, sob a ação do sonambulismo, ía fazer de noite alguma tarefa esquecida dos arranjos domesticos», os despejos provavelmente, tenha paciencia mas não péga.

## Notas?!

Então este papellito  
Que me meteram na mão  
E' que é o meio tostão?  
Ora adeus! não acredito!

Lá meio tostão de sebo  
Deve ele ter, pelo cheiro;  
Mas meio tostão dinheiro  
Ou em papel... não percebo.

Se é pelo peso, avalto  
Um miligrama e é favor;  
Ou acaso o seu valor  
E' dado pelo feitico?

Tambem não vae, não aceito:  
Uma criança de mama  
Faria, ao colo da ama,  
Um desenho mais perfeito.



Dimensões? Deixem-me rir!  
Um pouco menos e a gente  
Precisava d'uma lente  
Para as poder distinguir.

Só se, enfim, pondo de banda  
Estes contras, se avalia  
Porque tem a garantia  
Do Pereira de Miranda.

Como este, por profissão  
E seus meritos provados  
E' o pae dos engeitados  
Perfilha o meio tostão.

E na verdade, faz bem  
Porque esta pobre criança  
Tem a maior semelhança  
Com qualquer filho da mãe.

3é Centavo.

## Inodoros?!

Só tem febre tifoide quem quer, segundo a opinião do nosso querido dr. Amilcar de Sousa e segundo a nossa tambem, porque devemos dizer que estamos quasi convertidos á doutrina do ilu-tre naturista, restando-nos apenas algumas duvidas que ele facilmente desfará na primeira occasião. Por ex mplo: no artigo em que declara que quem come frutas não póde ser atacado de febre tifoide, larga-nos esta: «Com a alimentação frugívora não ha a menor putrefacção e os dejectos são inodoros».

Com o devido respeito parece-nos que n'este ponto o doutor está equivocado. Ora cheire e verá.

## Jesus Cristo-Rafael Marques

Anuncia-se para inauguração da época de inverno no teatro Apolo a peça de grande espectáculo *A Vida de Cristo*, cujos ensaios vão muito adiantados.

Consta-nos que o papel principal foi distribuído ao artista Rafael Marques, que pela primeira vez experimenta o drama e que, naturalmente, se mostra receoso do cometimento porque, por mais que procure, não encontrou ainda modelo vivo para se guiar.

Pois basta-lhe entrevistar o sr. Afonso Costa, cuja analogia com o divino salvador é flagrante—áparte o não ter nascido em nenhuma cavalaria. Foi menino entre os doutores, tem entrado varias vezes triunfante em Jerusalem e já vai subindo o Calvario sem dar por isso e sem que a cruz pareça pesar-lhe, antes muito satisfeito com tal contrapeso, não dando ouvidos ao *Crucifige eum*.

Vá, seu Rafael: vá antes que chegue a crucificação.

## Completando um proverbio

Muito de louvar é certo decreto que beneficia mensalmente os funcionarios publicos com mais alguns papelinhos gravados na casa da Moeda e na Santa Casa da Misericórdia, excluindo os que vencem por ano 600 escudos, ou sejam, á antiga, obra de deseseis tostões por dia. Estes últimos são os que pela sua idade, sem a qual não podiam ter antiguidade burocratica que lhes desse jus a tão pingues vencimentos, são naturalmente chefes de numerosa familia. Pagam, por exemplo, quinze escudos mensaes de renda de casa: ficam com—outra vez á antiga—onze tostões e meio, com os quaes tem de sustentar quiza seis pessoas, vesti-las, pagar o ensino da filharada, a soldada da sopeira, etc., etc.

E' claro que para os srs. ministros,



habituaados a pouquissima comida, a rudimentar indumentaria, a não usarem roupa lavada nem engomada, a quantia de 600 escudos parece fabulosa. Admitem-a nos outros, aceitam até que se ganhe mais; mas lá no fundo es-

## EM FOCO

## A vindimadeira

*Corta o dourado cacho e por cautela  
Tira os bagos inuteis para o mosto;  
Quando os vê madurinhos toma o gosto  
Que mais doce não é que os labios d'ela.*

*Entre as parras, em toques de aguarela,  
Brinca-lhe o sol amigo á flôr do rosto  
Onde não ha a sombra d'um desgosto,  
Tão bem lhe corre a vida, tão singela.*

*Já volta pelo cesto, outeiro acima,  
O moço que tomou ao seu cuidado  
As dornas e o trabalho das vindimas.*

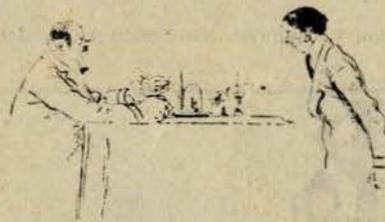
*Levanta os olhos quando o sente ao lado  
E córam ambos, que são primo e prima  
E hão-de ter parentesco mais chegado...*

BELMIRO.



## A fisica do Marques

O Marques—não sabemos se já lhes dissemos—é professor de fisica n'um dos nossos mais afamados collegios. Ha



dias, n'uma lição de acustica, explicava ele aos discipulos:

—O som é transmitido pelo ar, com a velocidade de 340 metros aproximadamente, por segundo, o que dá origem a fenomenos curiosos...

E, procurando um exemplo de actualidade:

—Assim, na guerra, como os projecteis das armas modernas tem velocidade superior á do som, acontece que os soldados mortos pelas balas inimigas só de aí a alguns segundos é que ouvem o estampido do tiro...

tão convencidos de que os que, depois de anos e anos de serviço extenuante, de estudos e trabalhos esgotantes, de defesa dos interesses do Estado, tenham conquistado o direito a receber o dobro, é bom que fiquem reduzidos a metade, que a tanto equivale a invariabilidade no ordenado.

«Dar de comer a quem tem fome» é o principio que invocam para favorecer (e nada mais justo) quem vence menos de 600 escudos, «dar fome a quem tem de comer» é como completam aquele principio. E depois ficam muito espantados quando lhes dizem que vão para o raio que os parta.

## Teatros

Os senhores querem ficar cheios de curiosidade? E' facil: leiam nos cartazes de teatro ou nos jornaes a relação das personagens de revista do ano.

Antes de esta subir á cena já as folhas começam a publicar, por partes, a dita relação para aguçar o apetite do publico. E aí começa logo um dos efeitos da peça, segundo a vontade do autor, qual é a de intrigar o publico. Assim, anuncia-se para breve uma revista do Eden, *O Az de ouros*, seguramente de enorme futuro exito (se é de Pereira Coelho, Galhardo e Barbosa!) e os jornaes publicaram a primeira lista, onde figuram a *Metempsicose*, o *Baralho*, o *Sentimento*, as *Almas simples*, as *Almas virgens*, etc.

Confessamos que todos nós somos curiosidade, incapazes de compreender. Em especial, as *Almas virgens* dão-nos no gofo: sem offensa ás atrizes que as hão de desempenhar, e que não sabemos quem seja, cremos que representaríamos com muito mais convicção as *Almas de chicharro*.

## DE FÓRA

## A gréve dos carteiros

Lá vai ele, o carteiro da cidade. Na mala que transporta, diligente, leva noticias d'um amor ausente, quantas vezes um beijo, uma saudeade.

Fez gréve agora que, na verdade, tudo aumenta de preço grandemente e ao invéz do que julga muita gente o caso as-ume certa gravidade.

Dizem que á sua mente lhe acudiu abandonar as car as e as m'le as No mez em que no ano faz mais frio

E dão as «brôas» Inda os mais forretas, Mas n'essa asneira é que ele não caiu Porque era um ar que dava nas gorgetas,

Bramão de Almeida.

# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

12.ª PARTE

## O COMBOIO N.º 6

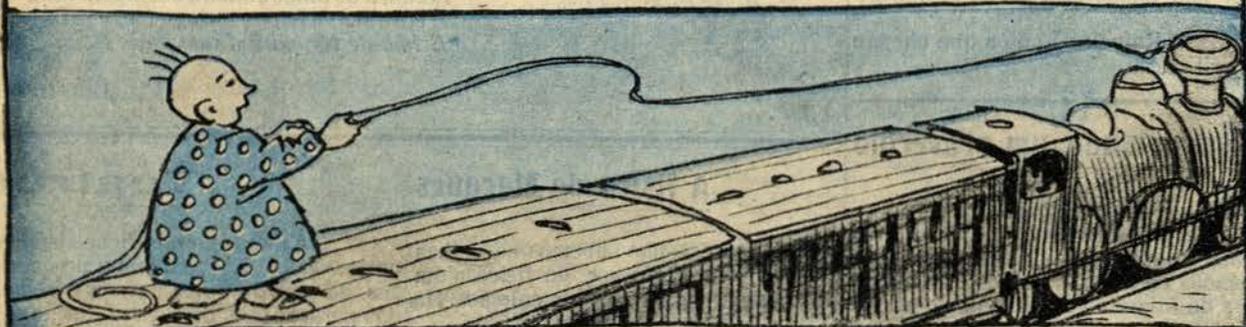
(CONTINUAÇÃO)

1.º EPISÓDIO

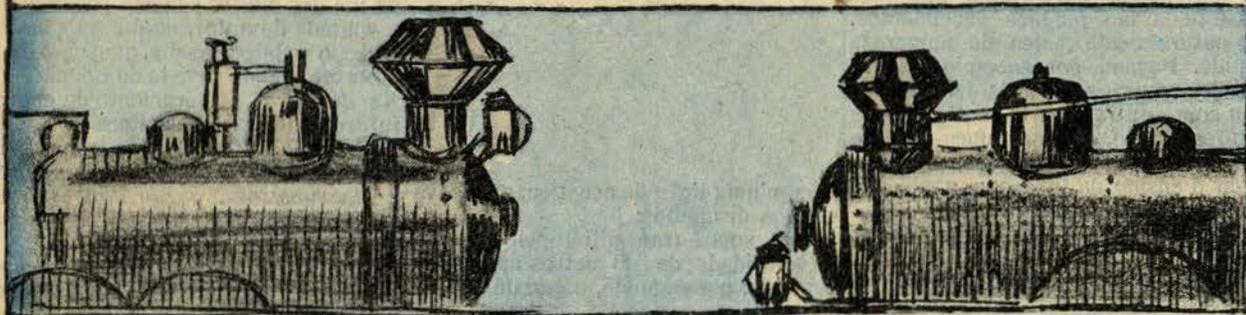


1.—Oh! Milagre! Manecas descobre uma corda resistente, que parece posta ali a propósito.

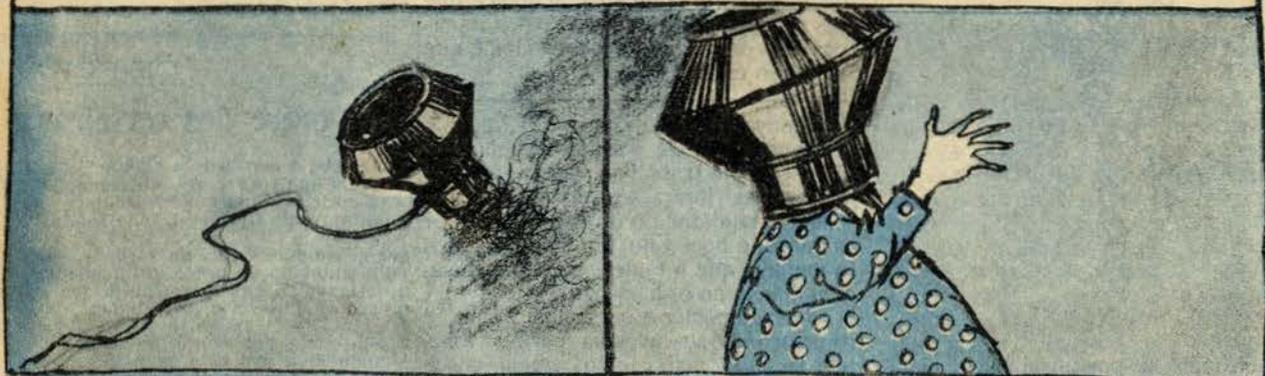
2.—Toma-a e corre ligeiro a uma *passarelle*, suspende-se n'ela arquejante.



3.—E' tempo. Os comboios avançam vertiginosamente para a catastrophe. Manecas, porém, lança o laço.



4.—Extraordinario acontecimento! O comboio recúa. Evita-se o choque. Manecas está satisfeitissimo.



5.—Mas, com a força empregada, a chaminé da locomotiva não resiste e voando pelo espaço

6.—enfia-se na cabeça do Manecas que se vê de repente com um chapéu alto *arte nova*.

(Continua).